

QUANTIFICADORES FLUTUANTES E IMPLICAÇÕES ASPECTUAIS

Jahyr de Almeida PINTO Júnior (Universidade Federal do Paraná)

ABSTRACT: *This paper aims to study the fluctuation phenomenon of some terms in sentences and the semantic interpretation acquired by them depending on their syntactic position. The terms analysed here are the quantifiers “quase”, “um por um” and “um de cada vez”.*

KEYWORDS: *Floating, Focus, Quantification, Semantics, Synthax.*

0. Introdução

Em Pinto (2006) fiz um estudo sobre o tratamento dado aos advérbios pelas gramáticas tradicionais, mais especificamente à palavra *quase*, que costuma ser classificados como advérbios de intensidade. Essa classificação mostrou-se equivocada quando saímos do âmbito da gramática e atentamos para seu uso corrente na língua. O *quase* apresentou-se como uma palavra que pode modificar as estruturas dentro e fora do VP dependendo do tipo de sintagma que acompanha ou modifica. No entanto essa possibilidade de ocorrência em vários lugares nem sempre acontece sem mudança de significado para o sintagma que o *quase* modifica.

É justamente essa mudança de significado que as GT's não levam em conta em sua classificação. Quando dentro do VP, o *quase* pode operar como sendo um quantificador sobre o objeto e quando fora do VP, pode gerar uma ambigüidade sobre a interpretação no que se refere à quantificação sobre o objeto ou uma possível realização parcial do evento que será predicado entre uma leitura de accomplishment, derivada das classes aspectuais (Vendler, 1967) e uma leitura de possibilidade de verdade da sentença (Dowty, 1979).

Alguns casos dessas diferentes modificações relacionadas com a presença do *quase* em sentenças do Português Brasileiro seguem nos exemplos abaixo:

➤ Modificando o sujeito:

(1) **Quase** todas as ruas são com nome de pessoas daqui da cidade, então tem é... (hesitação) Rua Soberai, Rua Caléci e tal...

➤ Modificando o VP:

a) Sem negação:

(2) Puta, o Brasil perdeu, pô eu **quase** tive um ataque aí.

b) Com negação:

(3) Os homens jogam muito pôquer, mulherada **quase** não joga.

➤ Modificando o complemento do verbo dentro do VP:

(4) Fiquei **quase** uma semana com uma torção nas costas.

➤ Modificando o predicativo:

(5) Já está **quase** emendada a cidade, né?

(6) As viagens que nós fazemos são **quase** que todas iguais.

➤ Modificando advérbios:

(7) **Quase** sempre trabalho na festa.

Ao final do trabalho foi possível concluir que os conceitos com os quais as gramáticas tradicionais classificam a palavra *quase* como um advérbio não se sustentam, pois o *quase* é muito mais do que uma palavra que “*funciona basicamente como um modificador do verbo acrescentando-lhe uma circunstância*” (Faraco & Moura, 1997) ou ainda “*uma palavra que pode reforçar o sentido: de um adjetivo ou até mesmo de outro advérbio*” (Sargentim, 1998).

Quando em posição de sujeito (1), o *quase* realiza uma operação de quantificação sobre o sujeito em questão, ou seja, o conjunto que está sendo modificado é selecionado e uma parte dele é tomada como válida na interpretação do que se diz.

As ocorrências da palavra *quase* modificando o VP aparecem de duas maneiras distintas: sem negação (2) e com negação (3). Para cada uma delas chegou-se a conclusões diferentes. Para os dados que mostraram a presença do *quase* sem negação modificando o VP, a interpretação da sentença que seria modificada depende do tipo de verbo que é precedido. Com verbos de estado, atividade e achievement a presença do *quase* faz com que o evento denotado na sentença tenha sua leitura bloqueada quanto a sua realização. Com verbos de accomplishment a interpretação é diferente, pois a leitura torna-se ambígua entre o evento ser realizado em parte e simplesmente não ser realizado. Para os dados que apresentaram *quase* + negação, a leitura predominante é a de realização do evento.

Para os dados em que o *quase* apareceu modificando o complemento do verbo dentro do VP (4) ele funciona da mesma maneira quando está dentro do sujeito, ou seja, opera como um quantificador não permitindo que o conjunto seja tomado como um todo. A diferença desse caso para o que modifica o sujeito é que quando modifica o complemento do verbo dentro do VP, ocorre implicação aspectual, ou seja, um evento perfectivo (com ponto final) pode tornar-se imperfectivo (sem ponto final) quando acompanhado pela palavra *quase*.

O *quase* em posição de predicativo em (5) e (6) foi a categoria que gerou mais dúvidas em relação às outras devido ao fato de ocorrer em poucos casos dos exemplos encontrados e devido à falta de material de apoio para consulta. Porém chegou-se às seguintes hipóteses: (i) quando acompanha um verbo no particípio, o *quase* parece não deixar o evento ser concluído e (ii) quando diante da partícula *que*, uma leitura possível é de que juntos, *quase* + *que* formam um elemento enfático sobre o que se vai predicar. No exemplo (6) a ênfase pode estar na semelhança entre as viagens que essa pessoa fazia.

Finalmente, quando o *quase* acompanha um advérbio (7), ele parece funcionar como a categoria dos advérbios propriamente dita descrita nas gramáticas tradicionais, com a diferença de que juntos (*quase* + advérbio) podem movimentar-se dentro ou fora do VP sem alterar o sentido do que é predicado. A esse fenômeno em específico pode-se dar o nome de flutuação.

Ao final da pesquisa chegou-se à conclusão de que a função semântica da palavra *quase* vai depender da posição sintática em que ela aparece na sentença. Partindo dessas conclusões e de uma fundamentação teórica que aborde assunto em específico, pretendo fazer um estudo que trate de forma mais precisa a movimentação dos constituintes na sentença, aqui chamada de flutuação. Junto a isso, procuro tanto uma maneira de descrever o comportamento apresentado pelos chamados quantificadores flutuantes a serem estudados como buscar o contexto de ocorrência da flutuação e, por fim, encontrar uma opção teórica que possa explicar os fenômenos relacionados com a flutuação no português brasileiro, englobando a leitura semântica adquirida a partir da posição ocupada pelos quantificadores nas sentenças.

Para dar seqüência a este estudo estruturo o texto da seguinte forma: na *Delimitação do problema* procuro mostrar o que vem a ser os quantificadores flutuantes e a flutuação; no *Embasamento teórico* apresento as teorias utilizadas para fundamentar esse estudo; na *Análise* busco interpretar algumas sentenças segundo as teorias utilizadas e finalmente na *Conclusão* comento sobre os caminhos possíveis para dar continuidade ao trabalho.

1. Delimitação o problema

Neste trabalho procurei fazer um breve estudo sobre os quantificadores flutuantes, mais especificamente os quantificadores “quase”, “um por um” e “um de cada vez”, que ilustram o fato de que certas palavras podem ocupar posições diversas nas sentenças do português brasileiro.

Para o desenvolvimento desse estudo, tomei como ponto de partida o trabalho desenvolvido por Doetjes (1997) e Gomes (2006) e suas respectivas noções sobre os quantificadores flutuantes.

Doetjes (1997) estuda em sua tese de doutorado com expressões quantificacionais do francês e do inglês. Nesse trabalho há um capítulo dedicado aos quantificadores flutuantes, mostrando o que eles são e as relações desses quantificadores com o restante da oração. Ela classifica os quantificadores de duas formas: (i) quantificadores flutuantes standard e (ii) quantificadores flutuantes nus. Segundo a autora há uma relação que pode ser estabelecida entre os quantificadores flutuantes e os DP’s. Para ela, quando a palavra em questão está fora do DP funciona como um quantificador e quando está dentro funciona como um qualificador. Os quantificadores estudados pela autora são o *tous* (todos) e *chacun* (cada) do francês que têm a propriedade flutuar.

Em Gomes (2006) que a autora faz uma análise da flutuação do quantificador “todo(s)” como marcador de foco informacional. O que esse trabalho defende é que o domínio do quantificador varia conforme sua posição na sintaxe aberta, modificando a estrutura informacional da sentença. Segundo a autora, o português

brasileiro é uma língua que marca na sintaxe aberta a função informacional dos constituintes da sentença e que a flutuação desses constituintes pode alterar essa estrutura informacional.

Gomes mostra que há na literatura sobre esse assunto duas maneiras de ver os quantificadores flutuantes: (i) ver o quantificador flutuante como adnominal e pertencendo a posição em que foi gerado, enquanto que o SN é movido ou (ii) como o quantificador sendo um advérbio orientado para o sujeito, no entanto os dados por ela analisados não obedecem a nenhuma dessas maneiras, pois a palavra “todo”, que ela usa como exemplo de análise, alterna seu comportamento entre modificador nominal e marcador de duração ou de intensificador de eventos. Isso pode ser notado quando ocorre quantificação à distância como podemos ver no exemplo que segue:

(8) A água saiu **toda** pelo ladrão da caixa.

Nesse caso a palavra “toda” marca tanto o volume de água em seu estado final quanto à conclusão do processo de esgotamento da caixa.

Nos demais casos, segundo a autora, a interpretação que o quantificador “todo” pode assumir dependendo da posição ocupada na sentença são as seguintes:

- Junto do sujeito e anterior a ele:

(9) **Todos** os garotos comeram aquelas três pizzas.

O “todos”, neste caso, modifica o nome que precede e marca a sentença como predicando sobre o DP sujeito.

- Adjacente ao DP sujeito e posterior a ele:

(10) Os garotos **todos** comeram aquelas três pizzas.

Aqui, o “todo” modifica enfaticamente o nome a que sucede (integraliza o grupo). A sentença passa a responder a um questionamento sobre o predicado poder deixar de se aplicar a um dos componentes do grupo do DP sujeito.

- Quando separado do DP sujeito, dentro do VP, posterior ao verbo e anterior ao complemento:

(11) Os garotos comeram **todos** aquelas três pizzas.

O “todo” modifica o evento, marcando o modo gradual como o resultado (estado final do DP complemento) foi atingido pelo conjunto de agentes.

- Separado do DP sujeito, dentro do VP, posterior ao complemento e anterior a um adjunto que independentemente de todos, exiba concordância com o sujeito:

(12) Os garotos comeram aquelas três pizzas **todos** juntos.

Nesse caso “todos” modifica o adjunto, ampliando o modo como ele se aplica ao evento e reforçando a sua ligação com o DP sujeito.

Ao final do texto a autora chega à conclusão de que tanto a flutuação de “todo” indexado ao sujeito, que precisa de regência apropriada, quanto a posição de “todo” no restante da sentença é uma forma de privilegiar, marcando com foco, uma das três informações disponíveis numa sentença de medição: resultado, causa e

circunstância. Para ela o foco é sempre a posição da sentença que está a direita de “todos” e isso permite dizer que a flutuação desse quantificador indica a marcação de foco no português brasileiro.

2. Embasamento teórico

Os quantificadores estudados nesse trabalho costumam ser considerados como advérbios pelas gramáticas tradicionais, contudo quando atentamos para dados de fala, eles nem sempre se comportam da maneira como as gramáticas os descrevem.

Para o presente trabalho estes termos foram tratados como quantificadores. Com relação à conceituação de quantificação, empregamos o que Partee (1991) chama de quantificação-D e quantificação-A. A quantificação-D refere-se à tradicional quantificação em posição de determinante (Barwise & Cooper, 1981), e a quantificação-A refere-se à quantificação em posições alternativas dentro da sentença, tais como advérbios, infixos verbais, etc., que envolvem inclusive quantificação de eventos. O foco de atenção deste trabalho são os fenômenos da quantificação-D que interferem nas leituras aspectuais dos eventos.

As questões relativas aos advérbios foram discutidas com base em Ilari (1993) que trata da classificação dos advérbios levando em consideração duas questões a eles relacionadas: a questão da ordem e a questão que se refere à sua relativa mobilidade na sentença. Para isso ele (i) levanta problemas relativos às descrições encontradas nas gramáticas sobre os advérbios e (ii) em seguida procura dar um tratamento sobre a ordem dos advérbios na sentença e do papel que desempenham.

Segundo Ilari, a classificação dos advérbios por listas, como sugerem as gramáticas tradicionais, é falha e deveria ser por ambiente de ocorrência (contexto). Se a classificação fosse feita pelo contexto possivelmente seria desfeito o engano encontrado nas próprias gramáticas tradicionais que não dão conta de identificar as expressões que elas mesmas chamam de advérbios.

Na segunda parte do texto o autor comenta o papel desempenhado pelos advérbios dentro da oração, mostrando que eles podem ser aplicados à oração como um todo e que não se esgotam quando aplicados somente a constituintes.

Segundo o autor, para uma descrição mais completa dos advérbios deveríamos ter duas gramáticas: uma morfossintática e uma outra que definisse a compreensão das informações (referente à coesão). Isso acarreta na discussão relativa à ordem dos advérbios na oração e à possível variação de significado decorrente da expressão que tomam como escopo.

Em alguns casos esses quantificadores podem aparecer junto de verbos ou modificando verbos. O significado semântico da expressão pode ser alterado dependendo do tipo de verbo modificado pelos quantificadores. Os verbos estudados serão tratados conforme a classificação feita por Vendler (1967) que criou um tipo de classificação para os verbos segundo um esquema de organização temporal que ficou conhecida sob o nome de classes acionais.

Para ele verbos como *gostar* ou *acreditar* são classificados como estativos. São verbos que denotam estados e não se desenvolvem no tempo. Devido ao fato de não terem um ponto final marcado, cada subintervalo desse evento é igual ao próprio evento.

Já verbos como *correr*, *pintar* e *falar* são chamados de verbos de atividade. São verbos que denotam um processo que se desenvolve em fases no tempo e assim como os estativos não têm um ponto final determinado.

A classe dos accomplishments é representada por ações como *correr 6 km* ou *pintar um quadro*. Os accomplishments podem ser definidos como sendo agentivos e aceitando a forma progressiva. Uma outra característica é que eles têm um ponto final marcado e qualquer subintervalo dessa ação não corresponde à ação referida. Dessa forma, há um clímax em que a ação é realizada.

Finalmente, os *achievements* são representados por verbos e expressões como piscar, alcançar e ganhar a corrida. Essas ações têm um ponto final determinado e acontecem apenas em um único momento de tempo.

3. Análise:

Tendo em vista que alguns quantificadores podem flutuar na sentença e a partir disso adquirir novos significados ou modificar verbos e dar-lhes um novo significado, chega-se à noção de composicionalidade encontrada em Verkuyl (1999). Segundo o autor, a maneira como os sintagmas se relacionam na estrutura da sentença pode definir leituras diferentes para as combinações possíveis dos sintagmas entre si. Isso pode ser visto nos exemplos abaixo:

(13) **Quase** todos os convidados choraram no casamento.

(14) Todos os convidados **quase** choraram no casamento.

(15) Todos os convidados choraram **quase** no casamento.

Em (13) o “quase” aparece em posição de sujeito e nesse caso parece funcionar como um quantificador sobre as pessoas que choraram no casamento, selecionando uma determinada quantidade daquele conjunto. No exemplo (14) o “quase” está modificando o VP e gera a leitura de que o evento de chorar foi bloqueado antes de ocorrer, ou seja, os convidados não chegaram a chorar. Em (15) o “quase” se encontra modificando algo dentro do VP e a leitura decorrente dessa posição é de que o evento se realizou, mas foi antes do casamento.

Além desse tipo de leitura atrelada à posição sintática, é possível ver a composicionalidade também no aspecto:

(16) Os meninos **um por um** comeram os sanduíches.

(17) Os meninos comeram os sanduíches **um por um**.

(18) Os operários construíram **um por um** aqueles edifícios.

(19) Os operários construíram aqueles edifícios **um por um**.

Nos exemplos (16) e (17) o evento de comer sanduíches ocorreu várias vezes, independentemente do fato de serem comidos ao mesmo tempo ou em momentos diferentes.

Com relação a eventos terminados ou não terminados será levada em conta a teoria proposta por Castilho (1993) que, além dos valores perfectivo e imperfectivo, relativos a uma perspectiva qualitativa, os valores episódico e iterativo, relativos a uma perspectiva quantitativa do evento. Assim, a leitura das sentenças de (16) e (17) fica como perfectiva e iterativa, pois denota um evento que já acabou, mas que ocorreu diversas vezes até chegar ao seu fim.

A leitura de sentenças com quantificadores na presença de verbos de accomplishment fica ambígua como podemos ver nas sentenças (18) e (19). As leituras possíveis são de que o evento de construir os edifícios foi realizado construindo um edifício de cada vez ou que o evento de construir os edifícios ocorreu simultaneamente.

Essa ambigüidade pode ser resolvida por Dowty (1979) e por Tenny (1994) que estudam leituras de sentenças com quantificadores diante das classes aspectuais e a quantificação sobre eventos respectivamente. Para Tenny o fenômeno da quantificação dos eventos pode somente ocorrer dentro do VP, nunca em posição de sujeito. No entanto, os exemplos (20) e (21) vão contra essa idéia.

(20) **Um por um** os meninos comeram os sanduíches.

(21) **Um por um** os operários construíram aqueles edifícios.

Em (20) e (21) é possível fazer uma leitura aspectual ligada ao sujeito quando pensamos na leitura iterativa de Castilho em que os meninos comeram os sanduíches individualmente, um de cada vez em (20) ou em que o edifício foi sendo construído diariamente por cada um dos operários em (21).

Finalmente, para esses casos podemos encontrar uma resposta em Lasersohn (1995) que apresenta uma teoria de interpretação sentencial de pluracidade evidenciando que a distributividade tem marcas diferentes dependendo da língua, sobretudo por marcadores flexionais de verbos baseando-se em quatro parâmetros de pluracidade apontados por Cusic (1981). Esse trabalho levanta a hipótese de que os quantificadores flutuantes também podem interferir na interpretação aspectual dependendo da posição sintática ocupada por eles.

O primeiro parâmetro é o da divisão do evento, que se refere à iteratividade das sentenças, ou seja, uma ação repetida (trabalhar todo dia na construção) que envolve vários eventos do mesmo tipo do evento denotado pelo verbo e uma ação repetitiva envolvendo vários eventos de diferentes tipos, mas cuja soma forma um evento maior (construção dos edifícios) correspondente aos eventos denotado pelo verbo. Abaixo seguem mais alguns exemplos para mostrar as características desse parâmetro são:

(22) O rato mordiscou o queijo.

Em que o evento descreve o ato de mordiscar composto por várias pequenas mordidas e

(23) O rato mordiscou o queijo várias vezes na quinta – feira.

Em que o evento das várias mordidas foi repetido mais de uma vez.

O segundo parâmetro é o da medida relativa do evento, que se refere ao tamanho das repetições envolvidas num evento. Esse parâmetro mostra que as repetições podem ser diminutivas, se decrescerem em sua importância ou tamanho, ou aumentativas, se crescerem em importância ou tamanho. Os exemplos que Cusic dá para o segundo parâmetro provêm de línguas exóticas como nesse caso o Sierra Nahuatl e o verbo *kokoisneki* (continuamente querer tirar uma soneca) indicando que a repetição diminui a importância da ação e *koisneki* (quer dormir) indicando apenas um evento singular.

O terceiro parâmetro diz respeito à conexão entre as repetições envolvidas num evento, e podem ser duplicativas, alternadas, reversativas, descontínuas ou dispersativas. Para o terceiro parâmetro, Cusic comenta que as leituras cumulativas podem implicar num certo grau de conectividade entre leituras repetitivas.

O último parâmetro trata da distributividade das repetições que pode estar relacionada à separação no tempo, no espaço ou em algum outro elemento da sentença. Um exemplo que dá conta desse parâmetro pode ser:

(23) Hoje o rapaz comeu **um por um** dos três sanduíches.

Não se sabe como a ordem em que ele comeu nem como esse evento foi dividido no tempo, os três sanduíches podem ter sido comidos um de cada vez, primeiro dois e depois mais um ou os três ao mesmo tempo em qualquer momento desse dia.

Para este trabalho, as análises das sentenças podem ser concentradas no primeiro e no quarto parâmetros apresentados por Lasersohn. A questão é verificar em que medida as diferentes leituras são sensíveis à posição da quantificação na sentença. Como este é um estudo bastante breve, essa verificação ainda não pode ser concluída. Contudo, pretende-se dar andamento a essa pesquisa investigando mais a fundo essas possibilidades e teorias apresentadas aqui.

4. Conclusão:

As questões aqui levantadas foram resolvidas apenas parcialmente. No entanto, essa primeira etapa permitiu mostrar a existência os dois tipos diferentes de flutuação e também foi possível distinguir sintática e semanticamente algumas interpretações dos quantificadores flutuantes nas sentenças.

Espera-se que futuramente o assunto possa ser trabalhado de uma forma mais abrangente e que seja possível apresentar mais resultados. Um texto que pode responder a algumas perguntas é Miotto (2003) que trabalha com a noção de *foco*. O autor define *foco* como um conceito discursivo aplicado ao constituinte que veicula informações novas na sentença. A partir disso, uma das questões levantadas por ele é saber que tipo de reflexo o *foco* tem na estruturação da sentença do Português Brasileiro levando em consideração dois tipos distintos de *foco*: (i) aquele que simplesmente fornece uma informação solicitada (foco de informação) e (ii) o que não se limita a fornecer informação nova e tem outros traços discursivos associados a ele (subdivide-se em foco contrastivo e foco de identificação).

Além dessa questão referente ao fato de o *foco* trazer informações novas na sentença, ele também é considerado como algo que envolve algum tipo de quantificação, sendo vinculado a uma variável que se desloca para a esquerda da sentença através de um movimento de constituintes. Esse movimento pode determinar o significado que a sentença vai adquirir dependendo da posição sintática em que o quantificador se localizar.

Essa leitura pode reforçar a idéia de que há dois tipos de flutuação: aquela em que o quantificador flutua e modifica diferentes sintagmas na sentença como o “quase” ou aquela em que o quantificador tem liberdade de movimentação dentro da sentença e não modifica outras estruturas na sentença como o “todo”.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo fazer uma discussão teórica sobre o fenômeno da flutuação de determinados termos dentro das sentenças e a interpretação semântica que adquirem dependendo da posição sintática ocupada. Os termos tomados para análise serão os quantificadores “quase”, “um por um” e “um de cada vez”.

PALAVRAS-CHAVE: Flutuação; Foco; Quantificação; Semântica; Sintaxe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. T. **Aspecto Verbal no Português Falado**. In: Abaurre, M. B.; Rodríguez, A.C. S. Gramática do Português Falado. Vol VIII. Campinas. Editora da Unicamp, 2003.
- DOETJES, J. S. (1997). **Quantifiers and Selection. On the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English**. Tese de Doutorado, Leiden University. Leiden, Holanda.
- DOWTY, D. R. (1979). **The Semantics of Aspectual Classes of Verbs in English**. In: Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht.
- GOMES, A. P. Q. (2006). **Todos Juntos: Um Estudo do Papel da Flutuação de Todos nas Relações Informacionais da Sentença**. In: Revista do GEL nº. 3. Araraquara.
- ILARI, R. **Considerações sobre a posição dos advérbios**. In: CASTILHO, A. F. (org.) Gramática do Português falado. Volume I: A Ordem. 2ª edição. FAPESP/Editora da Unicamp. Campinas, 1993.
- LASERSOHN, P. **Plurality, conjunction and events**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- MIOTO, C. (2003). **Focalização e Quantificação**. In: Revista Letras nº. 61. Curitiba: Editora da UFPR.
- PARTEE, B. H. **Domains of quantification and semantic typology**. (mimeo), 1991.
- PINTO, J. A. (2006). **Considerações sobre um quase advérbio**. Monografia de conclusão de curso. UFPR.
- TENNY, C. (1994). **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**. Dordrecht: Kluwer.
- VENDLER, Z. (1967). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. **Aspectual Issues**. Cambridge University Press. 1999.